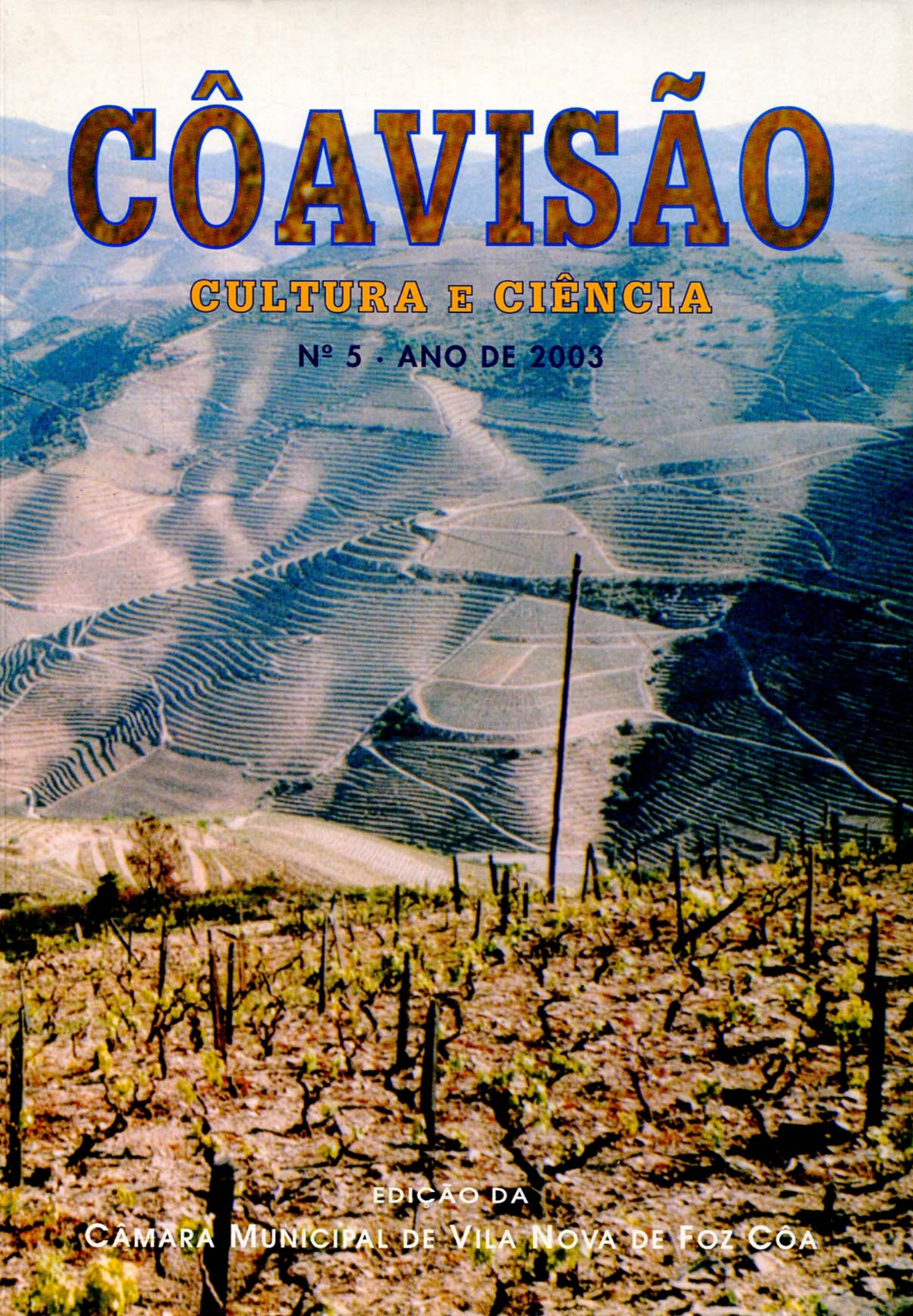


CÔA VISOÃO

The background of the cover is a photograph showing a vast landscape of terraced vineyards. The terraces are carved into the slopes of hills, creating a series of concentric, wavy lines that follow the contours of the land. The color of the terraces varies from light brown to dark green, indicating different stages of cultivation or different types of vegetation. In the foreground, there is a closer view of a vineyard, showing the dark, gnarled trunks of the vines and the green leaves of the grape clusters. The overall scene is one of a well-maintained agricultural landscape.

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 5 · ANO DE 2003

EDIÇÃO DA
CAMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa): intervenção arqueológica em 2001 e 2002

SUSANA OLIVEIRA JORGE *

I – TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS EM 2001

0. INTRODUÇÃO

– Em 2000, o sítio pré-histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão (V.^a N.^a de Foz Côa) ficou na posse do Estado, como estação afecta ao IPPAR.

– Em inícios de 2001, foi apresentado, pelo IPPAR Porto, ao Programa Operacional de Cultura, um projecto de estudo, valorização e divulgação de Castelo Velho de Freixo de Numão, projecto esse liderado cientificamente pela signatária. Tal projecto, com uma vigência inicial de 3 anos (2001-2003), foi aprovado na Primavera de 2001.

Os objectivos gerais do projecto constam da sua memória descritiva, dividindo-se em três vertentes:

– arqueológica; – arquitectónica; – computação gráfica.

Encontram-se actualmente em desenvolvimento os trabalhos referentes às vertentes arqueológica e arquitectónica.

– Os objectivos arqueológicos, a realizar em 2001 (meses de Julho, Agosto e Setembro), resumiam-se aos seguintes tópicos:

1. limpar o sítio de vegetação e de montes de entulho que cobriam ainda áreas muito significativas da estação;
2. ampliar a área abrangida pelo levantamento topográfico de precisão;
3. escavar diversos sectores:
 - a leste, uma área que abrangia uma provável rampa pétrea descontínua e zonas anexas;
 - a sudoeste, a área que abrangia um importante troço da segunda rampa pétrea (RP₂), vestígios da primeira plataforma (PF₁), e da primeira rampa pétrea (RP₁);
 - a sul, definição precisa de uma área situada na primeira rampa pétrea (N/D);
 - a sul, a área que abrangia prováveis plataformas/rampas indiciadas pela topografia.

A escavação previa o registo de todos os materiais e outras amostras encontrados e o desenho no campo, e à escala, de todas as estruturas exumadas, quer viessem a integrar-se em plantas de conjunto, quer se inserissem em plantas de pormenor.

Pensava-se realizar ainda um registo fotográfico e um vídeo das principais realidades observadas.

4. Conservar as estruturas já postas a descoberto, impedindo a sua degradação;
5. Restaurar algumas estruturas mais significativas;
6. Lavar, etiquetar, acomodar devidamente materiais já recolhidos ou a recolher durante a campanha de 2001.

1. LOCALIZAÇÃO DA ESTAÇÃO (FIGS. 1 E 2)

Lugar – Castelo Velho
Freguesia – Freixo de Numão
Concelho – Vila Nova de Foz Côa
Distrito – Guarda

* Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. vojsoj@mail.telepac.pt

Coordenadas geográficas de um ponto central da estação seg. a “Carta Militar de Portugal” na escala de 1:25000 (folha 140):

41° 4' 24" Lat. N,
7° 11' 33" Long. W. Gr.

A estação localiza-se no alto dum morro, em remate de esporão, situado à altitude absoluta de 681 m, sendo delimitado a sul e a noroeste por ribeiros afluentes do rio do Vale da Vila, tributário do Douro. Em todas as direcções, salvo para norte e noroeste, o morro apresenta boas condições naturais de defesa. É notória a sua posição estrategicamente dominante, sobretudo para leste, na direcção do citado afluente do Douro.

2. PESQUISA DE CAMPO EM 2001

2.1. Condições em que se efectuaram os trabalhos

A campanha de 2001 efectuou-se entre 2 de Julho e 28 de Setembro e foi consagrada aos seguintes objectivos arqueológicos:

- limpeza, escavação, conservação e restauro acima enunciados;
- ampliação da área abrangida pelo levantamento topográfico de precisão;
- lavagem, etiquetagem e acomodação dos materiais recolhidos.

• Relativamente à área intervencionada arqueologicamente, ela sofreu algumas alterações relativamente ao inicialmente previsto (Figs. 3 e 4). Duma maneira geral, a área escavada em 2001 apresenta uma superfície substancialmente superior à que se pretendia originalmente abrir. Essa área estende-se, em diversos sectores até a uma caminho que delimita artificialmente, por quase todos os lados, o topo do sítio, o qual foi aberto pela CELBI, anterior proprietária do terreno onde se implanta a estação (Fig. 3).

• Quanto ao trabalho topográfico, ele ampliou-se substancialmente, passando a incluir, de forma precisa, não só o caminho acima referido, como um outro exterior, que delimita toda a área que se destina à musealização do sítio e terrenos envolventes (Fig. 3).

• A lavagem e etiquetagem dos materiais recolhidos processou-se em instalações existentes na vila de Freixo de Numão, durante o período que durou a campanha de 2001. A acomodação dos materiais efectuou-se provisoriamente em instalações cedidas pela ACDR de Freixo de Numão. De referir que grande parte desses materiais se encontra actualmente na posse de estudantes de mestrado e doutoramento da FLUP, para estudo dos mesmos, até à apresentação das respectivas teses.

• Os meios utilizados nesta campanha foram maioritariamente fornecidos pelo IPPAR, em íntima articulação com a ACDR de Freixo de Numão, no quadro da aprovação, pelo POC, dum projecto de estudo e valorização patrimonial do sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão. Foram ainda cedidos alguns meios adicionais pelo Instituto Português de Arqueologia, pela Junta de Freguesia de Freixo de Numão e pela ACDR de Freixo de Numão.

• A signatária foi coadjuvada por Vítor Oliveira Jorge, da FLUP, e assessorada pela técnica superior do IPPAR Coimbra, Ana Leite da Cunha. Participaram ainda os desenhadores Maria Luisa Nata e Vitor Fonseca, o topógrafo Armando Guerreiro e o técnico de restauro Joaquim Garcia.

Estiveram ainda em campo, diariamente, durante toda a campanha de 2001, 6 técnicos superiores de arqueologia e 6 auxiliares de arqueólogo, além de pessoal assalariado.

Participaram ainda inúmeros voluntários, nacionais e estrangeiros, maioritariamente estudantes de licenciatura ou já licenciados em arqueologia. As escavações de 2001 serviram ainda de “estação-escola” para alunos de Licenciatura em Arqueologia da FLUP. Durante os três meses de campanha, permaneceram, em campo, diariamente, c. de 40/50 pessoas, o que determinou a constituição duma sólida estrutura de enquadramento técnico e científico.

• As escavações foram visitadas por inúmeros arqueólogos e responsáveis, na área da cultura, de que destacamos: o Senhor Secretário de Estado da Cultura, Dr. Rodrigues Conde, o Senhor Presidente do IPPAR, Dr. Luis Calado, o assessor do Senhor Presidente da República, Dr. João Bonifácio Serra. E ainda: o Dr. Rui Parreira, Director da Fortaleza de Sagres, o Dr. Miguel Rodrigues, técnico do IPPAR Porto e o Dr. Carlos Banha, técnico do IPA Covilhã.

As escavações foram ainda visitadas pela Doutora Isabel Figueiral, especialista em antracologia, e pelo Doutor António Rubinos, técnico do CSIC (Madrid), especialista em Carbone 14.

Já após o fim da campanha de 2001, a estação foi visitada, em Novembro, pelo Senhor Ministro da Cultura, Professor Doutor Augusto Santos Silva, e novamente pelo Senhor Presidente do IPPAR, Dr. Luis Calado.

2.2. Descrição sumária dos trabalhos arqueológicos

Sector I_A (Fig 4)

Desde 1989 que a topografia indiciava a existência duma “talude” longilíneo, delimitado por penedos/afloramentos com a direcção NO-SE.

Em 1992 realizou-se uma sondagem, nos quadrados S'-T'-U'/6, que revelou uma primeira camada superficial de pedras, que cobria um murete faceado, construído na camada 3.

Em 2001 limpou-se a vegetação de toda a área, e o referido “talude” foi inserido na quadriculagem de referência.

Após uma primeira decapagem emergiu uma área relativamente extensa, alongada no sentido NO/SE, constituída por pedras de pequenas e médias dimensões, aglutinadas por terra argilosa (Fig. 5). Novas decapagens nos quadrados N'-O'-P'/1'-1, localizados numa das extremidades deste “talude”, revelaram um *murete faceado*, construído na camada 3 e reutilizado na camada 2. Foram ainda exumadas estruturas adossadas a este murete. A interpretação da escavação, nesta sub-área, encontra-se dependente da ampliação da mesma em campanhas futuras. No entanto, parece que nos encontramos, no sector I_A, face a um murete (cuja largura e direcção global ainda desconhecemos), o qual foi concebido na camada 3, reutilizado na camada 2 e “fechado” no momento de abandono do sítio, através da deposição mais ou menos organizada de pedras e argila, conferindo-lhe o aspecto final de “talude” (T) (Fig. 5).

É possível desde já colocar a hipótese de que este *murete/talude*, do Sector I_A, tenha funcionado como um *separador espacial*, em articulação com os penedos/afloramentos da zona.

Sector I_B (Fig. 4)

Foi só em 2001 que se limpou a vegetação que cobria toda a área situada a SE do chamado Sector I_A. Tal limpeza revelou, para além da existência de grandes penedos e/ou afloramentos, uma espécie de “monturo” mais circunscrito do que o do Sector I_A.

Após a quadriculagem da zona, procedeu-se a uma primeira decapagem superficial da mesma.

Tal intervenção revelou, numa área delimitada, uma apreciável acumulação de pedras que formava uma espécie de “talude” baixo e pouco extenso, constituído por pedras de dimensões variadas adossadas a um grande penedo. As pedras deste hipotético “talude” encontravam-se muito mais soltas do que as do Sector I_A.

Quando se procedeu ao levantamento das pedras que correspondiam a este eventual “talude”, exumaram-se as *fundações duma possível cabana*, aberta na rocha de base, e articulável com a camada 3.

A infra-estrutura de tal cabana tinha sido escavada no xisto da base, formando um arco de círculo com c. de 4 metros de diâmetro máximo. A cabana (C) encontrava-se aberta para sul/sudeste (Fig. 5). Sobre a rocha de base foi depositado um solo pouco espesso de argila, estéril, sobre o qual foram exumados fragmentos de vasos cerâmicos, barro de revestimento e objectos líticos.

Resumindo os principais dados da escavação obtidos nos Sectores I_A e I_B:

- articulável com a camada 3 foi exumada *uma cabana* no Sector I_B e *um murete* no Sector I_A. As características deste murete exigem a ampliação das escavações, ao nível da camada 3, em todo o Sector I_A;
- o murete, que deve ter funcionado, desde o início da ocupação do sítio, como um *divisor espacial*, foi também usado como “parede”, à qual se adossaram estruturas diversas (articuláveis com as camadas 3 e 2), ainda em fase de escavação;
- tanto o murete, depois transformado em “talude”, no Sector I_A, como a acumulação de pedras, no Sector I_B (associados aos penedos/afloramentos) parecem ter sido concebidos para criar *uma zona de passagem com alguma monumentalidade*.

Para quem se aproximasse de sudeste e quisesse aceder ao recinto superior, deveria atravessar uma zona ladeada por blocos/afloramentos e por um murete/talude (Fig. 5). Tal “passagem”, podendo ter sido concebida desde a primeira fase de formação da camada 3, deve ter estado operacional até ao abandono do sítio, quando todas as estruturas foram condenadas através dum processo de “petrificação”.

Sector II (Fig. 4)

Este Sector implicou a remoção de grandes quantidades de terra que ali haviam sido depositadas em anos anteriores. De facto, ao longo de muitas campanhas de escavações, e devido à ausência de meios com que estas foram realizadas, tornou-se hábito deitar as terras das escavações para uma área contígua que, aparentemente, não continha estruturas arqueológicas visíveis.

Após esse trabalho, longo e penoso de remoção de terras, a área foi inserida na quadriculagem de referência e começada a ser escavada.

Em áreas restritas foi detectada uma camada 2, muito vestigial. Articulada com a camada 2 foi mesmo exumada a base, muito arruinada, dum murete. Contudo, o topo da área abrangida pelo Sector II deve ter sido sujeito a forte destruição antrópica, nomeadamente devido à agricultura de centeio, pelo que só restaram maioritariamente estruturas articuladas com a *camada 3*.

Quanto a estas estruturas, elas são as seguintes:

- *Estrutura pétrea* existente nos quadrados I'20/J'20. Trata-se duma pequena estrutura sub-trapezoidal, delimitada, a norte, pelo afloramento xistoso. Encontrava-se selada. O seu conteúdo era constituído por uma primeira camada de terra e pequenas pedras e uma segunda camada de terra argilosa e pedras de dimensões variadas que enchia a estrutura até ao fundo. A base assentava no afloramento. Apenas foi detectado, no interior, um pequeno artefacto de quartzo.
- Vários *buracos de poste*, mais ou menos estruturados, um pouco por toda área escavada, nomeadamente nos quadrados H'21, H'22, I'21, I'22.
- *Fundações da base duma cabana* (C), localizada nos quadrados H'22, I'22. Trata-se da base duma cabana escavada na rocha base, formando um arco de círculo com o diâmetro máximo de c. de 3,5 m. A cabana estava aberta para sul/sudeste (Fig. 5). Sobre a área aberta na rocha de base foi depositado um solo constituído por argila e pedra miúda, estéril, com c. 20/30 cm de espessura. Sobre este solo foram exumados fragmentos de vasos cerâmicos, barro de revestimento, objectos líticos, etc..

Na periferia da cabana, no quadrado J'22, encaixado no xisto de base, foi exumado um vaso inteiro. A deposição do vaso foi obviamente intencional e operou-se na fase de edificação das fundações da cabana aberta na camada 3 e na rocha de base.

- *Fossa* situada no quadrado F'22. Esta fossa, escavada na camada 3 e na rocha de base, tinha um enchimento intacto, constituído (de cima para baixo) por uma grande pedra de cobertura, sedimentos argilosos associados a fragmentos de vasos cerâmicos, e, na base, lajes de xisto azulado.
- *Estrutura pétrea*, de forma alongada, preenchida com pedras de dimensões diversas. Esta estrutura tem características dificilmente comparáveis no quadro da estação.
- Entre esta estrutura e um *grande rochedo* localizado a leste, abre-se uma zona de passagem, que pode ter funcionado desde o início da ocupação desta área.

Sobre o *Sector II* podemos salientar o seguinte: trata-se duma área exterior, mas contígua, ao recinto superior. Ao nível da camada 3 foi uma área ocupada intensamente, tendo-se exumado várias estruturas pétreas ou em fossa. É de destacar a existência duma *cabana* que, tal como no Sector I_B, *era escavada na rocha de base, tinha sensivelmente um diâmetro de 3/4 m, e era aberta para sul/sudeste*. Em algumas estruturas, apesar do carácter intacto dos enchimentos, rareava o material arqueológico. Por outro lado, é de acentuar a natureza organizada dos enchimentos de certas estruturas e destacar a *deposição intencional, encaixada no xisto de base, dum vaso inteiro*. Tal vaso foi ali depositado propositadamente na fase de edificação duma cabana aberta na camada 3.

Sector III (Fig. 4)

Após as limpezas prévias e a inclusão do sector na quadriculagem de referência, iniciou-se a escavação.

O Sector III abrange uma área delimitada a norte por uma estrutura restaurada (integrada no recinto superior) e a sul por afloramentos de um certo porte. Por outro lado, no topo noroeste do Sector III, observa-se uma “passagem” que dá acesso a uma zona aberta (designada “átrio”), já incluída no Sector VIII (Fig. 5).

A camada 2 emergiu vestigialmente em alguns quadrados. Contudo, foi ao nível da camada 3 que, neste sector, foram escavadas duas estruturas em fossa. Tais fossas eram abertas na camada 3 e na rocha de base. O seu enchimento, relativamente intacto, era constituído por terra argilosa, pequenas pedras e fragmentos de vasos cerâmicos.

De referir, a natural continuidade (espacial e arqueológica) entre o Sector III e o Sector V, que lhe é contíguo.

Sector IV (Fig. 4)

Após limpezas superficiais, e a inclusão do sector na quadriculagem de referência, procedeu-se à primeira decapagem. Dela resultou a exumação duma extensa área correspondente a *parte do topo da*

2.^a rampa: era constituída por pedras de dimensões variadas, aglutinadas, em certas zonas, por terra argilosa. No limite norte do sector, em zonas circunscritas, foram detectadas fossas intrusivas (históricas?) na 2.^a rampa, onde foi descoberta abundante fauna. Esta 2.^a rampa, neste sector (como aliás já havia sido observado a oeste, ao nível da primeira decapagem), deve corresponder ao momento de fechamento ou “petrificação” das estruturas da última fase de ocupação do sítio. O que significa que o *topo da 2.^a rampa* materializa a “condenação” (pétreia e argilosa) dessa mesma rampa. A sua caracterização, enquanto talude monumental, que rodeia a sul e oeste o recinto superior, só poderá ocorrer, se se optar por uma estratégia de levantamento da primeira camada de pedras que recobre a 2.^a rampa e que corresponde, como já referimos, ao momento da sua “petrificação” final. Estratégia, aliás, que já foi iniciada no contíguo Sector VIII.

Sector V (Fig. 4)

Após as limpezas superficiais e a inclusão do sector na quadriculagem de referência, procedeu-se à primeira decapagem. Os sedimentos apresentavam, em regra, uma espessura média de 20/30 cm. O sector incluía abundantes afloramentos de dimensões variadas.

Não foi registada a camada 2.

Ao nível da camada 3, é de salientar a existência dum complexo de estruturas, encaixadas entre penedos:

- *Fundações duma possível cabana (C)* aberta na rocha de base, formando um arco de círculo com c. de 4 m de diâmetro máximo. A cabana encontrava-se aberta para sul (Fig. 5). Sobre a rocha de base foi depositado um espesso solo de argila, estéril. Sobre este foram exumados fragmentos de vasos cerâmicos, objectos líticos e barro de revestimento.
- *Buracos de poste* e pequenas *fossas* abertas na camada 3 e na rocha de base, na periferia sul da cabana atrás referida.

Sector VI (Fig. 4)

No talude do caminho que rodeia, a sul, a estação (Fig. 3), foram descobertos materiais arqueológicos. Tal facto determinou a limpeza da área contígua, a sua inserção na quadricula de referência, e consequente escavação.

Este sector, de pequenas dimensões, revelou vestígios abundantes dum solo de ocupação integrável numa *provável cabana (C)* pré-histórica, aberta na camada 3, posteriormente intersectada pelo caminho actual (Fig. 5). Tais vestígios inseriam fragmentos de vasos cerâmicos, um pequeno vaso inteiro, objectos líticos e grandes quantidades de barro de revestimento.

Sector VIII (Fig. 4)

Trata-se duma área intervencionada, maioritariamente, em campanhas anteriores, que, no entanto, carecia dum desenvolvimento da escavação tanto em área como em profundidade. Trata-se dum sector vital, no quadro do complexo monumental, uma vez que integra parte da 1.^a rampa (adossada ao recinto superior), parte da plataforma intermédia, e parte do topo da 2.^a rampa. Por outro lado, este sector abrange uma área localizada em frente à entrada sul e ao bastião restaurado do recinto superior, integrando uma zona aberta que designámos “*átrio*” (Fig. 5). Trata-se dum sector muito complexo, ocupado desde o início da formação da camada 3, até ao abandono do sítio e da “petrificação”. A sua escavação global implicou o registo em desenho (e em fotos e vídeo) de inúmeros planos e cortes, cuja interpretação se encontra ainda em curso.

Podemos destacar, desde já, no entanto, algumas estruturas associadas a grandes fases construtivas:

- Frente à entrada sul e ao bastião restaurado do recinto superior, ou seja, nos quadrados A-A'/19-16, onde já se havia procedido, em campanhas anteriores, ao levantamento da 1.^a camada de pedras (correspondente à “petrificação” do local), prosseguiu-se a escavação ao nível *de parte da plataforma intermédia e do topo da 2.^a rampa*. Aqui escavaram-se estruturas várias relacionadas com a camada 2. Nos quadrados existentes a leste (E-D-C-B/16; E-D-C-B/17; D-C-B/18), para além duma 1.^a decapagem, que revelou vestígios da “petrificação” superficial, avançou-se para uma 2.^a decapagem que pôs a descoberto *vestígios da 1.^a rampa, parte da plataforma intermédia e também parte do topo da 2.^a rampa*, relacionáveis com a camada 2. Este momento construtivo, articulável com a reconstrução da 1.^a e 2.^a rampas e o reforço da plataforma intermédia, associa-se com a *camada 2*. Os sedimentos da camada 2 têm cor acastanhada e são envolvidos por “cascalho” e pedra miúda. Em algumas zonas exumaram-se *pequenas estruturas em fossa e buracos de poste* abertos na plataforma intermédia. O “*átrio*”, ou zona aberta, delimitada, a sul, pela 2.^a rampa, estaria ainda em funções durante este momento construtivo, articulável com a camada 2.

- Após várias decapagens, tendentes a escavar, registar e levantar as estruturas e sedimentos articuláveis com a camada 2, atingiu-se a camada 3.

Em relação com a camada 3, exumaram-se inúmeras *estruturas pétreas* e em *fossa*. Não se atingiu, no entanto, ainda a rocha de base no Sector VIII.

A 1.^a *rampa* (ou vestígios da mesma) encontrava-se obviamente interrompida na zona ocupada pela entrada sul.

Na *plataforma intermédia* destacámos *duas estruturas pétreas, contíguas*, adossadas a afloramentos e a vestígios da 1.^a *rampa*. Tais estruturas, ainda em fase de escavação, forneceram abundante material arqueológico. Ainda na plataforma intermédia foram detectados vários *buracos de poste* e outras *pequenas estruturas pétreas* ou em *fossa*.

O “*átrio*” (A) encontrava-se delimitado, a sul, por um *alinhamento* sub-rectilíneo, *composto de pedras de xisto duma cor mais clara* do que a maioria das pedras que constituem as rampas e a plataforma intermédia.

Não se iniciou a escavação da 2.^a *rampa*, para não se dismantelar a “reconstrução” da mesma, efectuada no momento construtivo articulável com a camada 2. No entanto, é possível que venha a ser tomada no futuro outra estratégia, o que implicará o levantamento da 2.^a *rampa* até à fase inicial da sua edificação articulável com a camada 3.

Em suma, o sector VIII encontra-se ainda em fase de escavação e interpretação, recobrimo uma área fundamental para a compreensão das fases construtivas e ocupacionais do complexo monumental no seu lado sul.

Sector VII (Fig. 4)

O Sector VII também corresponde a uma área escavada parcialmente em campanhas anteriores. Vestígios duma ocupação histórica (medieval), da fase final de “petrificação” e da “reconstrução” operada ao nível da camada 2 foram exumados entre 1997 e 2000. Contudo, este Sector sempre colocou problemas interpretativos que exigiram, em 2001, a ampliação da escavação em área e em profundidade.

O Sector VII abrange uma espécie de “*avançado*” do recinto superior (A) orientado para sul. Este “*avançado*” é delimitado, a oeste, por um murete baixo encostado a afloramentos, a sul, por uma estrutura pétrea (restaurada) assente sobre um afloramento rochoso, e, a sudeste, por uma linha de afloramentos ali intencionalmente colocados, que se juntam, a leste, ao murete do recinto superior (Fig. 5).

A escavação do Sector VII, em 2001, abrangeu a decapagem, em sectores circunscritos, de sedimentos e estruturas conectados ainda com a camada 2. Contudo, o principal contributo desta campanha foi a escavação total do “*avançado*” ao nível da camada 3. A este nível foram exumadas as seguintes *estruturas principais* (Fig. 5):

- *murete* (ou a sua base) a oeste; trata-se dum *murete faceado* que, arrancando do topo do recinto superior, delimita o “*avançado*”, a oeste, encostando, a sul, a grandes penedos. Este murete define também um dos lados da entrada sul do recinto superior. O outro lado é definido pela parede do bastião existente a oeste, também no recinto superior (T1);
- *pequena estrutura pétrea*, a leste, contígua ao murete atrás referido. Trata-se duma estrutura sub-rectangular, delimitada por pedras e um afloramento. O seu enchimento – que se encontrava intacto – era constituído por pedras de pequenas dimensões e sedimentos amarelados, estéreis;
- *grande estrutura pétrea* (4), a leste, encostada à estrutura anterior. Encontrava-se em escavação desde 1997. Trata-se de uma estrutura sub-circular, delimitada por pedras de tamanhos variáveis, sem que estas formem qualquer face externa ou interna. O seu enchimento era constituído por pedras e sedimentos argilosos, integrando algum material arqueológico. A desmontagem de parte do limite da estrutura, numa zona circunscrita, a leste, revelou a deposição intencional de 4 pesos de tear, ao nível da base da referida estrutura;
- *estrutura pétrea restaurada* (9), a sul, assente num grande afloramento. Foi escavada em 1998 e restaurada em 1999. Dada a forma da estrutura (sub-circular) e o seu assentamento num grande rochedo, pode ter constituído um elemento de grande visibilidade deste “*avançado*”;
- o interior deste “*avançado*”, independentemente das estruturas mencionadas, era constituído por uma grande quantidade de pedras aglutinadas com terra argilosa que preenchiam os interestícios dos afloramentos ou grandes penedos fragmentados *in loco*. Desta forma, criava-se uma plataforma ligeiramente inclinada, para sul, que prolongava, naquela direcção, uma espécie de “*anexo*” do recinto superior.

Sector IX (Fig. 4)

O Sector IX abrange uma área maioritariamente localizada no interior do recinto superior. Inicialmente pretendeu-se intervir nesta área por duas razões principais: - reabrir uma entrada existente no murete do

recinto superior, que havia sido fechada em época pré-histórica, mas que pertencia à fase inicial da construção do referido recinto; – refazer o restauro do murete, nesse sector, de acordo com as normas de conservação e restauro que estavam a ser implantadas em 2001. De facto, o restauro do murete, nessa área, remontava a 1992, e não correspondia às exigências do programa de restauro agora em curso.

- O *processo de reabertura da entrada*, a oeste, operou-se de forma lenta, dada a existência de um grande penedo que fecha propositadamente a referida entrada. Por outro lado, o restauro de 1992 falseou, em parte, os limites da “entrada” pré-histórica, a qual deverá ser sujeita a um futuro trabalho de reposição (Fig. 5, W2).
- Durante a *acção de desmontagem do murete* para uma nova intervenção de restauro, verificou-se que a face interna do mesmo seguia um traçado ligeiramente diferente daquele que havia sido reposto em 1992. Ao seguir o verdadeiro traçado do murete, e ao desmontar-se o falso restauro aproximámo-nos da principal entrada do recinto superior, que se encontra virada a W-NW. Foi durante esse processo de desmontagem que descobrimos, inesperadamente, uma das estruturas mais importantes deste sítio (Fig. 5, S).

Adossado à verdadeira face interna do murete, localizado entre este e uma estrutura pétrea descoberta e escavada em 1992, num dos lados da “entrada principal do recinto, emergiu um “*nicho*”, completamente selado, contendo milhares de sementes incarbonizadas associadas a fragmentos de vasos cerâmicos. Este “nicho” era constituído por uma *estrutura pétrea sub-rectangular* (de c. 80 cm por 140 cm) onde foram detectados vários “momentos” de *deposição* integrando sementes e fragmentos de vasos cerâmicos. Dado o carácter selado do enchimento desta estrutura, consideramos que os fragmentos cerâmicos foram depositados intencionalmente, depois de partidos.

Segue-se a descrição sumária de 6 níveis de deposição, segundo a ordem por que foram registados durante a escavação:

- 1.º *Nível* – Exumação de vasos cerâmicos partidos, associados a “cascalho”, pedra miúda e sedimentos acinzentados. Este primeiro nível tinha uma espessura de c. 30 cm;
- 2.º *Nível* – Exumação de pedras de pequenas dimensões associadas a sedimentos acastanhados;
- 3.º *Nível* – Exumação de 4 nichos sub-circulares, organizados com pequenas pedras, associados a sementes incarbonizadas e a fragmentos de vasos cerâmicos;
- 4.º *Nível* – Exumação de 2 nichos sub-circulares, organizados com pequenas pedras, associados a sementes incarbonizadas e a fragmentos de vasos cerâmicos;
- 5.º *Nível* – Exumação duma macha compacta acinzentada com sementes incarbonizadas associada a fragmentos de vasos cerâmicos;
- 6.º *Nível* – Exumação de barro de revestimento associado a pequenas pedras e a sedimentos argilosos praticamente estéreis.

Sector X (Fig. 4)

Este Sector ocupa uma área muito pouca extensa, no lado norte do interior do recinto superior. Foi aberto com a finalidade de *desmontar uma banqueta* que havia permanecido intacta nos quadrados C'4 e B'4. Esta banqueta continha exclusivamente sedimentos e vestígios de estruturas conectados com a *camada 3*.

As principais estruturas detectadas foram uma *lareira* (sob lajes de xisto) e um *buraco de poste*. Foram também exumados abundantes fragmentos cerâmicos e alguns artefactos líticos.

Sector XI (Fig. 4)

Este Sector abrange uma área existente, a leste, no exterior do recinto superior. Tendo sido maioritariamente escavada em campanhas anteriores, era necessário, contudo, atingir em todos os quadrados, a rocha de base. Faltava, assim, decapar a base da camada 3 neste Sector.

No quadrado L'13 foi detectada uma estrutura de combustão, contígua ao murete delimitador do recinto superior.

No quadrado L'15, a c. de 50 cm do antigo solo actual, nos interestícios da rocha de base, ou seja, na base da camada 3, foi descoberto um fragmento de vaso campaniforme cordado.

2.3. Algumas conclusões dos trabalhos arqueológicos realizados em 2001(Fig. 5).

1. O recinto superior apresenta *uma plataforma, em “avançado”, para sul (A)*, delimitada por um murete, a oeste, uma estrutura pétrea, a sul, afloramentos e rochedos, a sul e a leste.

2. Junto à entrada principal no recinto superior, a entrada W1, foi descoberta uma estrutura pétrea adossada ao murete que delimita este recinto, contendo uma *deposição ritual intacta, constituída por sementes e fragmentos de vasos cerâmicos*.

3. A sul e a sudoeste, foi exumada a 2.^a *rampa pétrea*, que termina junto a uma “passagem”, entre penedos, que dá acesso a um “átrio”; este é delimitado, a sul, por um *alinhamento pétreo*.

4. O “átrio” (A), delimitado pelo referido alinhamento pétreo, encontra-se localizado em frente à *entrada sul*, do recinto superior, a qual é flanqueada, a oeste, por um bastião e, a leste, por um murete baixo (o qual, por sua vez, ajuda a delimitar a plataforma atrás referida).

5. A escavação de parte da *plataforma intermédia*, no Sector VIII, ajudou a compreender que houve toda uma intensa reutilização da mesma, como, aliás das *rampas*, o que deixa antever a necessidade futura duma mais ampla intervenção arqueológica nas estruturas monumentais situadas a sul, sudoeste e oeste, em torno do recinto superior.

6. A leste, no exterior do recinto superior, desenvolve-se um *murete/talude* (m/t), associado a rochedos/afloramentos, que deve ter funcionado como *separador espacial*. A sua escavação futura deverá esclarecer todo o processo de utilização desta complexa estrutura.

7. A escavação do lado leste, sudeste e sul do morro, até ao caminho que o delimita artificialmente (Fig. 5), revelou que, à excepção do talude/murete mencionado, não existiam estruturas monumentais, de tipo “rampa”. *Desse lado, o morro era “aberto”*, tendo apenas sido exumados fundos de cabanas e outras estruturas, maioritariamente, em fossa.

8. *A complexidade do edifício observa-se sobretudo para sul, sudoeste e oeste*: aí, o recinto superior (e o seu “avançado” sul) são rodeados por uma *plataforma intermédia* (onde se abrem diversas estruturas) e por uma 2.^a *rampa que envolve, a sudoeste e oeste, o recinto superior*. Futuras escavações nessa direcção deverão esclarecer se ocorrem outras rampas nesta área do morro.

3. OS MATERIAIS: BREVE BALANÇO

Durante os três meses de trabalhos arqueológicos de campo, funcionou quase permanentemente uma equipa dedicada à lavagem, etiquetagem e acondicionamento de todos os materiais exumados. Essa equipa, em parte orientada pela Dr.^a Ana Leite da Cunha, trabalhou em instalações provisórias, alugadas para o efeito, situadas em Freixo de Numão.

Destacam-se, entre os materiais exumados, milhares de fragmentos de vasos cerâmicos, dezenas de artefactos líticos (de pedra polida e lascada), muitos fragmentos de moinhos manuais, em granito, fragmentos de artefactos metálicos, e alguns pesos de tear. De salientar a descoberta, no quadrado J'15, dum fragmento de vaso campaniforme cordado.

Para além destes materiais, é de referir a presença, numa estrutura de deposição ritual, de milhares de sementes incarbonizadas, que se encontram em estudo pela Doutora Isabel Figueiral.

Foram ainda exumados restos osteológicos e seleccionados carvões e amostras de terras para diferentes tipos de análises.

Todo este espólio imenso se encontra em estudo, quer pela signatária, quer por alunos de Mestrado e Doutoramento da FLUP, quer por vários especialistas que colaboram com o projecto de investigação do sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão.

Durante os meses de Outubro – Dezembro de 2001 iniciou-se um programa de *base de dados*, com a finalidade de cruzar, em rede, todos os elementos exumados nesta estação, desde 1989 até à actualidade.

4. TRABALHOS DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO: BREVE APONTAMENTO

O programa de conservação e restauro, dirigido por Joaquim Garcia, e realizado com a colaboração de alguns voluntários e assalariados, dirigiu-se fundamentalmente para a *reposição de parte do murete que delimita o recinto superior*.

Independentemente do relatório que vier a ser realizado por aquele técnico, convém, desde já, acentuar a necessidade de, em futuras campanhas, se ampliar o número de pessoal especializado envolvido neste tipo de acções.

De facto, mesmo assumindo uma atitude de conservação minimalista, fundamentalmente vocacionada para a conservação e reposição elementar de estruturas, torna-se óbvio que uma intervenção, deste género, neste tipo de estação – intervenção pioneira, porque se trata duma estação pré-histórica, utilizando xisto e argila, com grande especificidade – exige uma equipa mais ampla, no terreno, acompanhando permanentemente os trabalhos de escavação e registo, em íntima interacção com a problemática complexa das técnicas construtivas pré-históricas.

5. O INÍCIO DUM PROJECTO: FILMAGENS DO PROCESSO DE ESTUDO E VALORIZAÇÃO DUM SÍTIO PRÉ-HISTÓRICO

Durante alguns dias, as cineastas Catarina Alves Costa e Catarina Mourão conviveram com a equipa de arqueólogos, topógrafos, desenhadores, restaurador, estudantes, assalariados, motoristas, cozinheiras e outros elementos que contribuíram para que este projecto arqueológico se materializasse durante três meses no terreno.

O seu objectivo era iniciar as filmagens sobre uma experiência particular: a construção dum projecto de estudo dum sítio arqueológico, tendo em vista a sua valorização e apresentação pública. Tal trabalho de filmagem realizou-se durante cerca de 10 dias, no total, pretendendo desenvolver-se durante os dois próximos anos.

6. OBJECTIVOS GLOBAIS A ATINGIR EM 2002 NAS VERTENTES DE ARQUEOLOGIA, CONSERVAÇÃO E RESTAURO

6.1. Vertente arqueológica (Figs. 4 e 5)

- escavação integral da estrutura exumada no Sector I_A (murete/talude)
- escavação integral do Sector VIII, desimpedindo a entrada sul no recinto superior.
- escavação de áreas situadas a *sudoeste e a oeste, em torno do recinto superior*, por forma a definir melhor estruturas já anteriormente escavadas e, eventualmente, a exumar outras ainda não descobertas.
- escavação de áreas existentes *no interior do recinto superior*, por forma a conectar-se com o programa de conservação e restauro de estruturas do referido recinto.
- registo em *desenho, fotografia e vídeo* de todas as fases de escavação.
- *topografia de precisão* da área abrangida pelo projecto.

6.2. Vertente de conservação e restauro (Figs. 4 e 5)

- intervenção em estruturas e murete do recinto superior.
- intervenção em estruturas situadas na plataforma intermédia e no topo da 2.^a rampa (a sul, sudoeste e oeste).
- eventual intervenção na 1.^a rampa (Sector VII).

Porto. Janeiro de 2002

II – TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS EM 2002

0. INTRODUÇÃO

Na sequência de trabalhos de estudo, conservação e restauro realizados no sítio pré-histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão (V.^a N.^a de Foz Côa) em 2001, pretendia-se, em 2002, atingir os seguintes objectivos:

Vertente arqueológica (Figs. 4 e 5)

- escavação integral da estrutura exumada no Sector I_A (murete/talude);
- escavação integral do Sector VIII, desimpedindo a entrada sul no recinto superior;
- escavação de áreas situadas a sudoeste e a oeste, em torno do recinto superior, por forma a definir melhor estruturas já anteriormente escavadas e, eventualmente, a exumar outras ainda não descobertas;
- escavação de áreas existentes no interior do recinto superior, por forma a conectar-se com o programa de conservação e restauro de estruturas do referido recinto;
- registo em desenho, fotografia e vídeo de todas as fases de escavação;
- topografia de precisão da área abrangida pelo projecto.

Vertente de conservação e restauro (Figs. 4 e 5)

- intervenção em estruturas e murete do recinto superior;
- intervenção em estruturas situadas na plataforma intermédia e no topo da 2.^a rampa (a sul, sudoeste e oeste);
- eventual intervenção na 1.^a rampa (Sector VII).

1. LOCALIZAÇÃO DA ESTAÇÃO (FIGS. 1 E 2)

Lugar – Castelo Velho
Freguesia – Freixo de Numão
Concelho – Vila Nova de Foz Côa
Distrito – Guarda

Coordenadas geográficas de um ponto central da estação sej. a “Carta Militar de Portugal” na escala de 1:25000 (folha 140):

41° 4' 24" Lat. N,
7° 11' 33" Long. W. Gr.

A estação localiza-se no alto dum morro em remate de esporão, situado à altitude absoluta de 681 m, sendo delimitado a sul e a noroeste por ribeiros afluentes do rio do Vale da Vila, tributário do Douro. Em todas as direcções, salvo para norte e noroeste, o morro apresenta boas condições naturais de defesa. É notória a sua posição estrategicamente dominante, sobretudo para leste, na direcção do citado afluente do Douro.

2. PESQUISA DE CAMPO EM 2002

2.1. Condições em que se efectuaram os trabalhos

A campanha de 2002 efectuou-se em duas fases: entre 1 de Julho e 2 de Agosto e entre 2 e 28 de Setembro, tendo sido consagrada aos objectivos anteriormente enunciados.

Para além das áreas em que se previa intervir, ainda se abriu um novo sector de escavação, a norte, no exterior do recinto superior e realizou-se, a oeste, um vala de sondagem perpendicular à 2.^a rampa (entre esta e um caminho circundante). Finalmente foi aberta uma pequena área no interior do recinto, contígua à torre central (Figs. 6 e 7)).

• O trabalho topográfico orientou-se no sentido de posicionar, com grande pormenor, todos os afloramentos e acidentes naturais existentes na área do sítio arqueológico abrangida pelo projecto.

• A lavagem e etiquetagem dos materiais recolhidos processou-se nas mesmas condições mencionadas no relatório dos trabalhos realizados em 2001.

• Os meios utilizados nesta campanha foram os mesmos também mencionados no relatório dos trabalhos de 2001.

• A signatária foi coadjuvada por Vítor Oliveira Jorge, da FLUP, e por João Muralha, e assessorada pela técnica superior do IPPAR Coimbra, Ana Leite da Cunha. Participaram ainda os desenhadores Maria Luísa Nata, Vítor Fonseca, Verónica Biscaia, Sara Costa, Rodry Mendonça, o topógrafo Armando Guerreiro, os técnicos de restauro Joaquim Garcia e Antónia Tintouré e o fotógrafo Danilo Pavone. O projecto de musealização foi objecto de estudo, em campo, com a presença dos arquitectos Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandes e ainda dos técnicos Rui Parreira e Miguel Rodrigues do IPPAR.

Participaram ainda inúmeros voluntários, nacionais e estrangeiros, maioritariamente estudantes de licenciatura ou já licenciados em arqueologia. As escavações de 2002 serviram ainda de “estação-escola” para os alunos de Licenciatura em Arqueologia da FLUP. Durante os dois meses de campanha, permaneceram em campo, diariamente, c. de 30/40 pessoas, o que determinou a constituição duma sólida estrutura de enquadramento técnico e científico.

• As escavações foram visitadas por arqueólogos e vários investigadores, e ainda pelo Dr. Miguel Rodrigues, técnico do IPPAR Porto, pelo Dr. Carlos Banha, técnico do IPA Covilhã, pelo Dr. José Morais Arnaud, técnico dos serviços centrais do IPPAR, pelo Dr. Rui Parreira, técnico do IPPAR e director da Fortaleza de Sagres, e ainda pelo Dr. Luis Calado, Presidente do IPPAR.

2.2. Descrição sumária dos trabalhos arqueológicos

I – Recinto Superior (Figs. 7 e 8))

As intervenções no recinto superior estiveram conectadas com o programa de conservação e restauro das estruturas inseridas no referido recinto.

Destaquemos as seguintes áreas intervencionadas:

a) **C6/D6/D7** – área contígua ao lado interno do murete que delimita o recinto superior. A escavação desta área – cujo restauro foi mantido intacto desde 1992 – revelou: – a parede interna do murete; – uma sequência estratigráfica complexa que integrava as camadas 3, 4, 5 e 6 (sequência local). As camadas 4 e 5, articuláveis com fases de ocupação anteriores à construção do recinto, revelaram abundante material associado a estruturas muito residuais.

b) **C5 (e D5/D6/E5)** – área “intersectando” o murete que delimita o recinto superior (C5) e áreas anexas (D5/D6/E5), contíguas ao lado externo do referido murete.

A maior novidade desta intervenção foi a descoberta, sob o murete que delimita o recinto superior, numa área abrangida pelo C5, dum *nível de ocupação anterior à edificação do murete*. Tal nível continha um *alinhamento pétreo* que poderia fazer parte duma eventual “entrada” contemporânea da camada 4. A verificar-se tal hipótese, poderíamos imaginar a existência dum possível “recinto”, anterior ao que se articula com a camada 3, e que teria sido ocultado pelo que posteriormente haveria de se construir no local. No entanto, é de referir que o nível de ocupação, articulável com a camada 4, foi “condenado” com lajes de xisto azul e outras pedras de maiores dimensões, após o que se ergueu o murete que delimita o actual recinto superior. Assim, poderíamos formular a seguinte sequência construtiva na área abrangida pelo C5: – nível de ocupação associado a um alinhamento pétreo articulável com uma fase anterior ao murete do recinto superior (em relação com um eventual recinto anterior ?); – “condenação” deste nível; – construção do murete que delimita o recinto superior ao nível da camada 3. De referir que a construção do murete da camada 3 respeitou o nível de ocupação anterior e a respectiva “condenação”, pelo que o murete, neste sector, apresentava-se interna e externamente, “desalinhado”. Aliás, foi a observação desta anomalia arquitectónica que determinou a intervenção arqueológica no C5.

c) **Área anteriormente designada “Bastião Norte” abrangendo os quadrados A’2/A’3/A’4/B’2/B’3/B’4.**

Esta área foi aberta em virtude de, no acto do restauro do designado Bastião Norte, se ter verificado uma “anomalia” no volume arquitectónico do murete delimitador do recinto superior. A intervenção foi no sentido de se desmontar cuidadosamente o referido murete. Tal desmontagem veio demonstrar o seguinte: – a estrutura designada “Bastião Norte” estava conectada com o murete através duma passagem ou “entrada”; – num dos lados dessa passagem existia um “nicho”, encaixado no próprio murete, no interior do qual foi exumado um grande vaso fragmentado; – o chamado “Bastião Norte”, após ter sido desmontado o recente restauro (até às pedras originais da base), parece configurar uma estrutura sub-circular, eventualmente aberta, que existiria em frente à referida “entrada”; – tal “entrada” foi “condenada” (tal como quase todas as “entradas” no recinto superior) num momento posterior à da sua edificação, mas conectável com a 2.ª fase construtiva do monumento.

Esta área encontra-se ainda em fase de investigação.

Uma hipótese, em fase de análise, é a de estarmos perante mais uma entrada, desta vez monumentalizada, virada a norte/noroeste.

d) **A'12/A'13** – área abrangendo a desmontagem dum restauro antigo num sector limitado da “torre” central do recinto. Esta área foi aberta para se verificar a eventual continuidade da camada 4 sob a “torre” (edificada esta na camada 3). Desta intervenção resultaram as seguintes descobertas: – sob a “torre”, ocorria, de facto, a camada 4, que se encostava ao grande afloramento do interior do recinto; – nesta camada 4 foram exumados abundantes materiais; – sobre esta camada foi construída a estrutura designada “torre”, constituída por grandes pedras delimitantes e, no seu interior, por pedras de menores dimensões. Trata-se, aparentemente, duma estrutura de pedra maciça.

II – Plataforma Intermédia (Figs. 7 e 8)

a) Área do chamado “átrio” (C/B/A/A' – 16/17/18)

Esta área, delimitada por um murete, a sul, e por outras estruturas, a norte e a leste (todas conectadas com a camada 3) foi escavada até à rocha base. Tal escavação, para além de permitir delimitar melhor o murete sul, articulável com a camada 3, atingiu níveis de ocupação provavelmente anteriores ao primeiro solo de ocupação do referido “átrio”.

Tais níveis de ocupação, eventualmente associáveis à camada 4, revelaram *buracos de poste* e uma *estrutura de combustão em fossa*. Associadas a estas estruturas observaram-se vários materiais arqueológicos. A determinação cronológica deste contexto poderá ajudar a esclarecer a conexão estratigráfica do mesmo com o murete sul delimitador do “átrio” e, em geral, com o próprio “átrio”.

b) Estruturas do lado sul e grande afloramento F/E/D – 15/16/17

A decapagem deste sector delimitou, a oeste, uma *estrutura pétrea sub-circular* começada a ser escavada em 2001. Esta estrutura encontrava-se encostada ao afloramento norte. Conecta-se com a camada 3.

O espaço existente entre esta estrutura e o “átrio” encontra-se ainda em fase de investigação.

A oeste da mencionada estrutura sub-circular, foi exumado um *grande afloramento* que assegura uma descontinuidade espacial da plataforma intermédia: de facto, divide a plataforma intermédia em duas sub-áreas (a existente a sul e a que se desenvolve a oeste).

c) Estruturas do lado oeste

Nesta área escavaram-se pela primeira vez ou re-escavaram-se áreas já anteriormente intervencionadas, por forma a definir melhor não só o *topo da 2.ª rampa/talude*, como a exumar *estruturas de níveis inferiores* (ainda não totalmente compreendidas em campanhas anteriores). Neste último caso encontram-se estruturas muito ténues identificadas nos quadrados G – H/13-14-15, que devem integrar-se na camada 4.

III – 2.ª rampa/talude (Figs. 7 e 8)

O topo desta estrutura já havia sido exumado e registado amplamente em intervenções anteriores, nomeadamente em 2001. Tratava-se duma *couraça constituída por argila, pedras e terra argilosa* que revestia um talude com uma largura variável, que podia atingir, em certos pontos, 8 metros. Algumas sondagens, realizadas em campanhas anteriores, perpendiculares ao referido talude, haviam suscitado duas grandes questões: – qual a técnica construtiva global desta estrutura monumental?; – haveria alguma ocupação consistente e contínua, anterior à edificação da rampa/talude? Alguns indícios apontavam nessa direcção.

No entanto, o levantamento ou desmontagem desta estrutura, de tão grande envergadura, implicava não apenas um apertado controlo de registo, como um “saber desmontar”, tendo em conta a diversidade e complexidade das técnicas primitivas pré-históricas.

Neste empreendimento de desmontagem controlada e registo foi-nos de grande utilidade a presença e ajuda de Vítor Oliveira Jorge e João Muralha, que, conhecedores de técnicas arquitectónicas similares descobertas no sítio próximo e semelhante de Castanheiro do Vento, permitiram-nos ousar avançar com alguma rapidez e eficácia.

Este talude era basicamente constituído por:

- *murete interno de contenção*, no topo do talude (Fig. 10); este murete apresentava-se, em geral, estreito, podendo, no entanto, engrossar ou ser substituído por um duplo murete de contenção;

- *estruturas de contrafortagem* em muitos locais adossadas a afloramentos ou utilizando estes como “pedreiras”, das quais se obtinham pequenas pedras que integravam o sistema de escoramento do murete de contenção;
- *carapaça de argila, pedras e terra argilosa*, que recobria as estruturas anteriormente referidas e que se prolongava, em certos pontos, muito para além da área conjunta de murete e estruturas de contrafortagem. Em alguns sectores foi identificada a camada de argila que originalmente deveria revestir todo o talude.

IV – Nível de ocupação sob 2.ª rampa/talude

Após a desmontagem das estruturas de escoramento e da carapaça de revestimento (manteve-se apenas “*in situ*” o murete interno de contenção), descobriu-se, particularmente sob as estruturas de contrafortagem, *um nível de ocupação anterior ao talude, correspondendo à camada 4 da estação*.

Este nível estava particularmente bem preservado a sul (nomeadamente no B20/C20) e a oeste (nomeadamente no I/J – 15/14/13 e no I/J – 7).

A sul, são de destacar vestígios de *duas cabanas* e, entre as duas, uma *estrutura de combustão*.

A *cabana do B20/C20* era delimitada por pequenas pedras e pelo próprio afloramento. De destacar, no B20, a existência duma *estrutura em fossa* que forneceu uma grande diversidade de artefactos “*in situ*”, em muito bom estado de preservação.

A *cabana do F18/F19/G18/G19* era delimitada, a nordeste, por um alinhamento pétreo, bastante bem preservado. Apesar do interior da cabana ter sido, em parte, destruído, trata-se duma estrutura em que parte do contorno, definido por um buraco de poste, um alinhamento pétreo e o afloramento, se apresentava em excepcionais condições de preservação.

A oeste, sob a estrutura de contrafortagem do talude, e jogando permanentemente com a presença dos afloramentos, foram exumados vestígios de estruturas constituídos por buracos de poste, estruturas em fossa, pequenas estruturas pétreas, estruturas de combustão, etc..

Associados às estruturas da camada 4, tanto a sul, como a oeste, foram exumados abundantes artefactos.

V – Espaço aberto a norte, no exterior do recinto (Figs. 7 e 8)

A abertura desta área justificou-se principalmente para permitir o nivelamento da área norte, contígua ao recinto superior.

Esta área apresentava, em regra, uma pequena potência estratigráfica, estando basicamente reduzida a ténues vestígios da camada 3. Mesmo assim, foram exumados buracos de poste e pequenas estruturas em fossa, associados a diversos artefactos.

VI – Murete/talude, a leste, no exterior do recinto (Figs. 7 e 8)

Trata-se dum murete e de outras estruturas anexas, ladeados, nas extremidades, por afloramentos.

Até ao momento foi identificada uma “*entrada*” monumental no murete. A monumentalização desta “*entrada*” verificou-se no lado norte do murete.

O murete estava separado, a sudeste, de outras estruturas – de difícil interpretação – por uma “*entrada*”.

Ambas as “*entradas*” foram “*condenadas*” num determinado momento, correspondendo a fundação de todas as estruturas à camada 3.

Adossadas ao murete foram edificadas, de ambos os lados, estruturas muito frágeis que deixaram vestígios muito ténues.

2.3. Breves conclusões dos trabalhos arqueológicos de 2002

1. Uma das mais importantes descobertas da campanha de escavações arqueológicas de 2002 em Castelo Velho foi o *registo dum nível de ocupação anterior à monumentalização do topo do sítio*. Esse nível, articulável com a designada camada 4, foi detectado não apenas no interior do recinto superior (e sob o murete que o delimita), mas também na plataforma intermédia e, sobretudo, *sob a 2.ª rampa/talude, a sul e a oeste*. Esta última estrutura, nomeadamente o murete de contenção e o respectivo sistema de contrafortagem, ajudou a selar os vestígios habitacionais que existiam ali antes da sua construção.

Ao nível da camada 4 e nos locais mais bem preservados, foi possível detectar solos de ocupação com estruturas de combustão, várias estruturas pétreas, buracos de poste e fossas das mais diferentes

tipos, associadas a artefactos também muito variados: vasos, moinhos manuais, objectos de pedra polida, percutores, etc.

Dada a extensão da área onde foram detectados, em 2002, vestígios da camada 4, somos obrigados a rever a posição anteriormente assumida relativamente a uma possível restrição daquele nível no topo do esporão.

Tal ocupação abrangia, afinal, também as vertentes sul e oeste, pelo menos, nas áreas que foram usadas posteriormente para a construção do “monumento” articulável com a camada 3.

Esta descoberta obriga a repensar a natureza dessa mesma ocupação: extensão da área global; cronologia relativa; relação espaço-temporal com as ocupações subsequentes responsáveis pela construção do “monumento”, etc. etc.

2. Relativamente ao “monumento” propriamente dito (recinto/plataforma intermédia/talude e murete/talude, a leste), as escavações de 2002 vieram destacar os seguintes aspectos:

2.1. A descoberta, no recinto superior, duma nova “entrada” (eventualmente monumentalizada) a noroeste (Fig. 8,B), que foi posteriormente “condenada”, ainda durante o decurso da 2.^a fase construtiva, veio confirmar a complexidade arquitectónica e a ambiguidade de significações inerente ao uso do recinto superior.

2.2. A escavação exaustiva da plataforma intermédia fez destacar a importância dum *afloramento* existente a SO, que funcionava como uma espécie de “barreira” natural a sectionar o espaço da plataforma em, pelo menos, dois sectores: o sector sul e o sector oeste. A sul emergiam, na plataforma, uma estrutura sub-circular e o “átio”; a oeste destacavam-se a estrutura dos ossos e um torreão, já previamente escavados (Fig. 8).

A escavação revelou ainda outras estruturas mais indeléveis situadas nesta plataforma intermédia.

2.3. A opção pelo levantamento da 2.^a rampa/talude, na sua quase totalidade, veio demonstrar a *complexidade construtiva desta estrutura*. Pela primeira vez, à escala a que nos situamos, podemos descrever os “passos” construtivos duma grande rampa pré-histórica. Cremos que tal tarefa de levantamento e registo inaugurou – à escala dum recinto murado pré-histórico – uma nova fase de abordagem metodológica em campo, só possível face aos meios disponibilizados pelo actual projecto em desenvolvimento (Fig. 10).

2.4. O estudo integral do murete/talude, a leste, revelou a existência, no exterior do recinto, duma estrutura complexa, constituída por várias sub-unidades: murete, dois grandes afloramentos delimitantes, fundos de cabanas adossados ao murete, duas “entradas” (uma delas monumentalizada).

A existência deste conjunto de estruturas, a leste, deve ser interpretada no contexto duma organização do espaço que privilegiava a valorização de *trajectos*, *circuitos* que implicavam contornar ou ultrapassar “barreiras” naturais (os afloramentos) ou construídas (muros, passagens, etc.).

3. OS MATERIAIS: BREVE BALANÇO

Durante os dois meses de trabalhos arqueológicos de campo, funcionou quase permanentemente uma equipa dedicada à lavagem, etiquetagem e acondicionamento de todos os materiais exumados. Essa equipa, em parte orientada pela Dr.^a Ana Leite da Cunha, trabalhou em instalações provisórias, alugadas para o efeito, situadas em Freixo de Numão.

Destacam-se, entre os materiais exumados, milhares de fragmentos de vasos cerâmicos, dezenas de artefactos líticos (de pedra polida e lascada), muitos fragmentos de moinhos manuais, em granito, fragmentos de artefactos metálicos, e alguns pesos de tear.

Foram ainda exumados restos osteológicos e seleccionados carvões e amostras de terras para diferentes tipos de análises.

Todo este espólio imenso se encontra em estudo, quer pela signatária, quer por alunos de Mestrado e Doutoramento da FLUP, quer por vários especialistas que colaboram com o projecto de investigação do sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão.

4. TRABALHOS DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO: BREVE APONTAMENTO

O programa de conservação e restauro, dirigido por Joaquim Garcia, dirigiu-se fundamentalmente para *ações no interior do recinto superior*. Fora do recinto superior apenas se iniciou a intervenção de reposição da 2.^a rampa, numa área restrita, contígua ao torreão 2 (H/I/J – 1/2/3). No interior do recinto foram restauradas estruturas anexas à entrada oeste (W1), e foi iniciado o processo de reposição do “avançado”, incluindo o restauro da estrutura 4 (Fig. 8).

Após dois meses de trabalhos de campo, tornou-se óbvio que o projecto de musealização de Castelo Velho passava pela concepção dum programa específico e pormenorizado de acções a desenvolver na área de conservação e restauro, o qual se encontra actualmente em preparação. Neste domínio criou-se também uma Comissão Técnica de acompanhamento do projecto de musealização do sítio que, para além de integrar a coordenadora científica do projecto (a signatária), é constituída por arquitectos, técnicos restauradores e por técnicos do IPPAR destacados para o efeito.

5. A CONSTRUÇÃO DUM FILME SOBRE O PROCESSO DE MUSEALIZAÇÃO DE CASTELO VELHO

Durante alguns dias, quer em Julho, quer em Setembro de 2002, Catarina Alves Costa, com uma pequena equipa de filmagem, sob a sua coordenação, continuou o trabalho de filmagens iniciado em 2001. Tal trabalho realizou-se durante cerca de 15 dias, no total, pretendendo concluir-se em 2003.

6. OBJECTIVOS GLOBAIS A ATINGIR EM 2003 NAS VERTENTES DE ARQUEOLOGIA, CONSERVAÇÃO E RESTAURO

6.1. Vertente arqueológica (Figs. 7, 8, 9 e 10)

- Escavação integral da *área norte, no exterior do recinto superior* (quadrados C' – L'/2' – 1);
- Escavação pontual de algumas áreas no *interior do recinto superior*, nomeadamente a da *torre central*;
- Escavação pontual de algumas áreas da *plataforma intermédia*, nomeadamente nos quadrados C/D/E/F – 15/16/17/18 e ainda nos quadrados H/ I/J – 8/7;
- Escavação duma área que abarca genericamente os quadrados O a R e 3 a 15, com o intuito de se testar a existência ou não dum aparente talude indiciado pela fotografia aérea realizada em Setembro de 2002.
- Escavação pontual do murete/talude, a leste, para melhor delimitação do contorno do murete e da respectiva entrada monumental;
- Registo em desenho, fotografia e vídeo de todas as fases de escavação;
- Topografia de precisão da área abrangida pelo projecto.

6.2. Vertente de conservação e restauro: tópicos (Figs. 8, 9 e 10)

A – *Recinto superior*: – prevê-se o restauro do murete e estruturas existentes no interior ou exterior (mas contíguas ao recinto), por forma a repô-las à cota a que foram exumadas; – prevê-se remover toda a grilha e terra existentes actualmente no interior do recinto e substituí-las por terra argilosa à cota da nivelção original; – relativamente ao “avançado”, prevê-se o restauro das estruturas delimitantes e das estruturas internas, e ainda o enchimento do espaço interior com diferentes materiais, a diferentes cotas, respeitando o volume encontrado aquando da escavação. O limite sul deste “avançado” deve ter em atenção a interacção arquitectónica entre os afloramentos e as estruturas que se lhe adossam, por forma a atenuar a linha de ligação entre todas as estruturas (naturais e construídas).

B – *Átrio e plataforma intermédia*: – prevê-se o reinterramento das estruturas frágeis do “átrio” (buracos de poste, nomeadamente), mantendo-se apenas o murete delimitante do mesmo; – prevê-se o restauro das estruturas de maior envergadura da plataforma (como a estrutura sub-circular, a sul, e a estrutura dos ossos e o torreão 2, a oeste) por forma a repô-las à cota a que foram exumadas; – prevê-se o nivelamento da plataforma intermédia à cota do topo da camada 3, com terra argilosa.

A *plataforma intermédia* estende-se, em torno do recinto superior, *desde o átrio até à zona que confina com a entrada W₁ e o torreão 2*.

C – *Espaço intermédio entre o torreão 2 e o murete/talude a leste – sector norte, no exterior do recinto superior*.

Não tendo, esta área, até à data, fornecido estruturas importantes, que mereçam ser restauradas, prevê-se apenas repor o solo original, nivelado à cota do topo da camada 3.

D – *2.ª rampa/talude*: – prevê-se a sua reposição volumétrica total, respeitando a cota do topo da estrutura exumada aquando da escavação; – prevê-se o cobrimento deste talude, tendo em conta os dados arqueológicos, com terra argilosa e pequenas pedras.

E – *Murete/talude, a leste*: – prevê-se a conservação e restauro do murete e de algumas estruturas anexas, à cota do que foi encontrado na escavação arqueológica.

Porto, Janeiro de 2003

NOTA BIBLIOGRÁFICA

Jorge, Susana Oliveira (2002), Castelo Velho de Feixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal, *Património / Estudos*, n.º 3, pp.145-164.

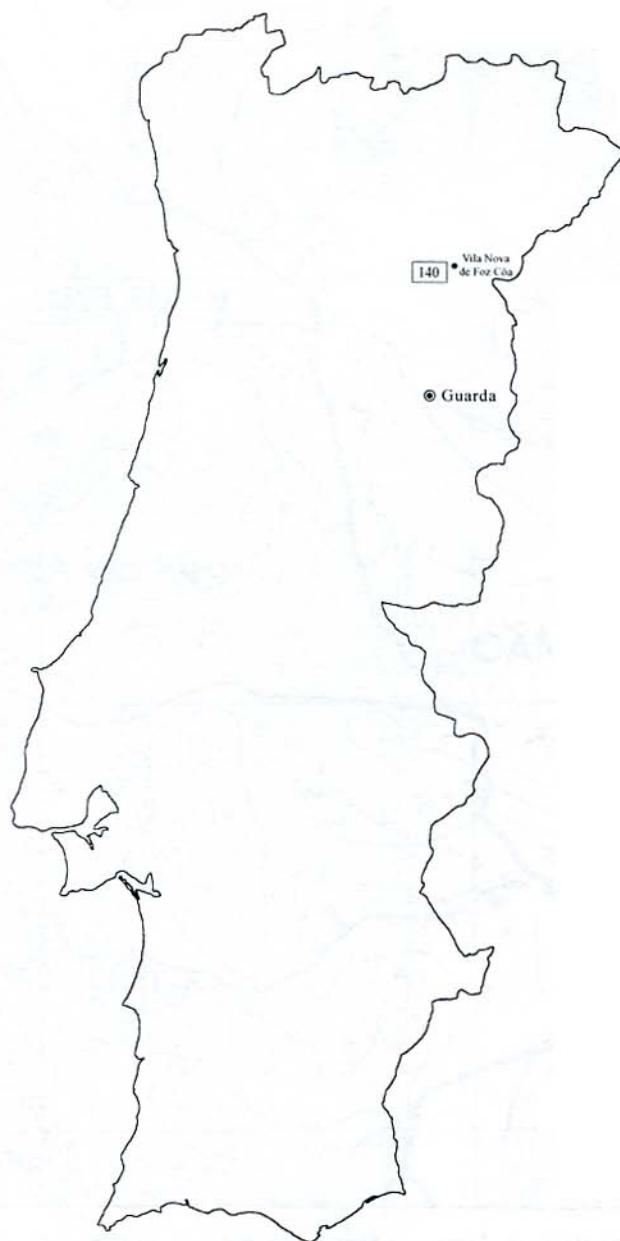


Fig. 1 – Localização da folha 140, da Carta Militar de Portugal, escala 1/25.000, folha na qual se situa o sítio de Castelo Velho de Feixo de Numão

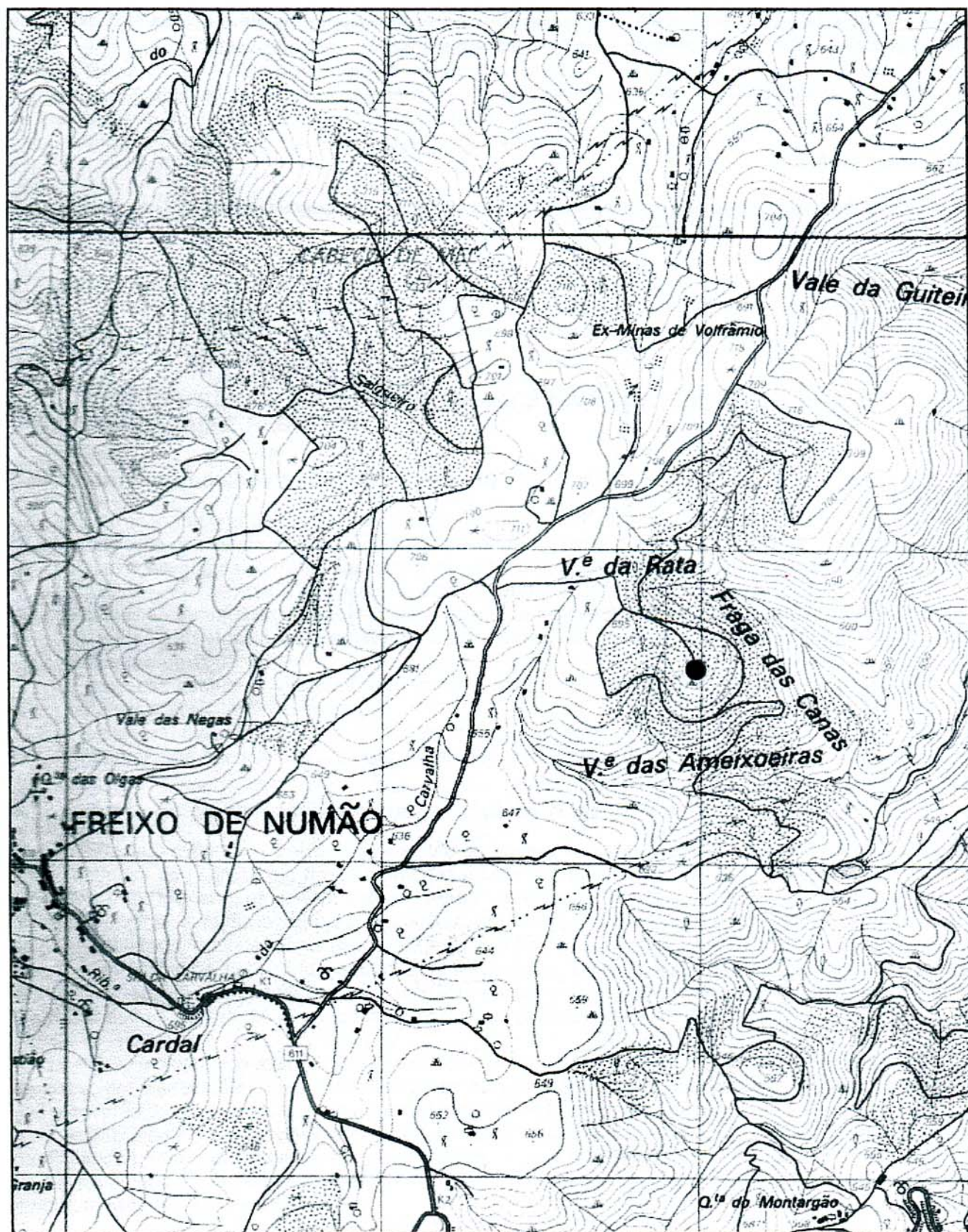


Fig. 2 – Localização de Castelo Velho de Freixo de Numão em extracto da folha 140, da Carta Militar de Portugal, na escala de 1/25.000

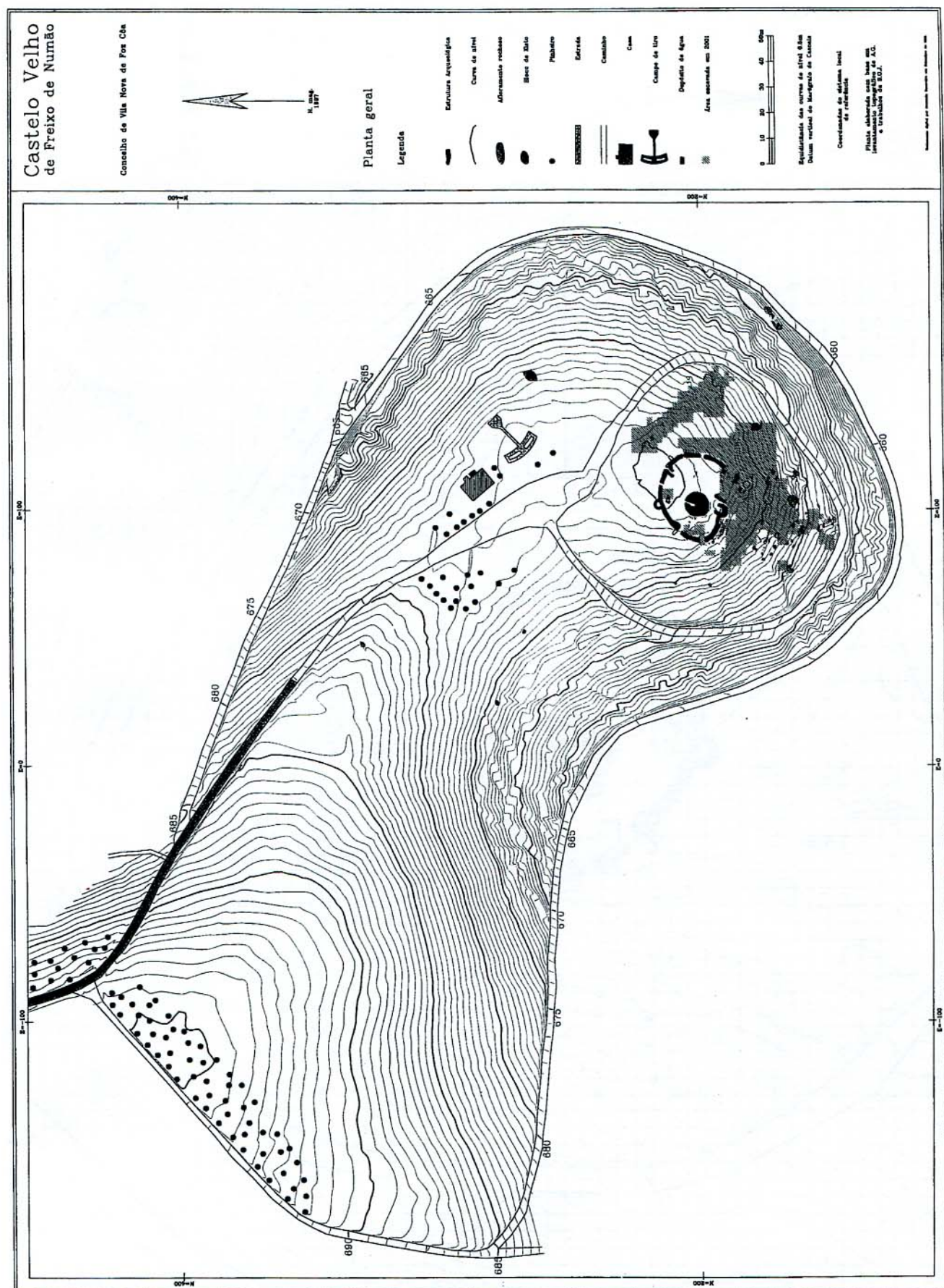


Fig. 3 – Planta do topo do monumento de Castelo Velho e áreas envolventes, elaborada com base em levantamento topográfico de Armando Guerreiro e trabalhos arqueológicos de Susana Oliveira Jorge. Encontra-se representada a área escavada em 2001

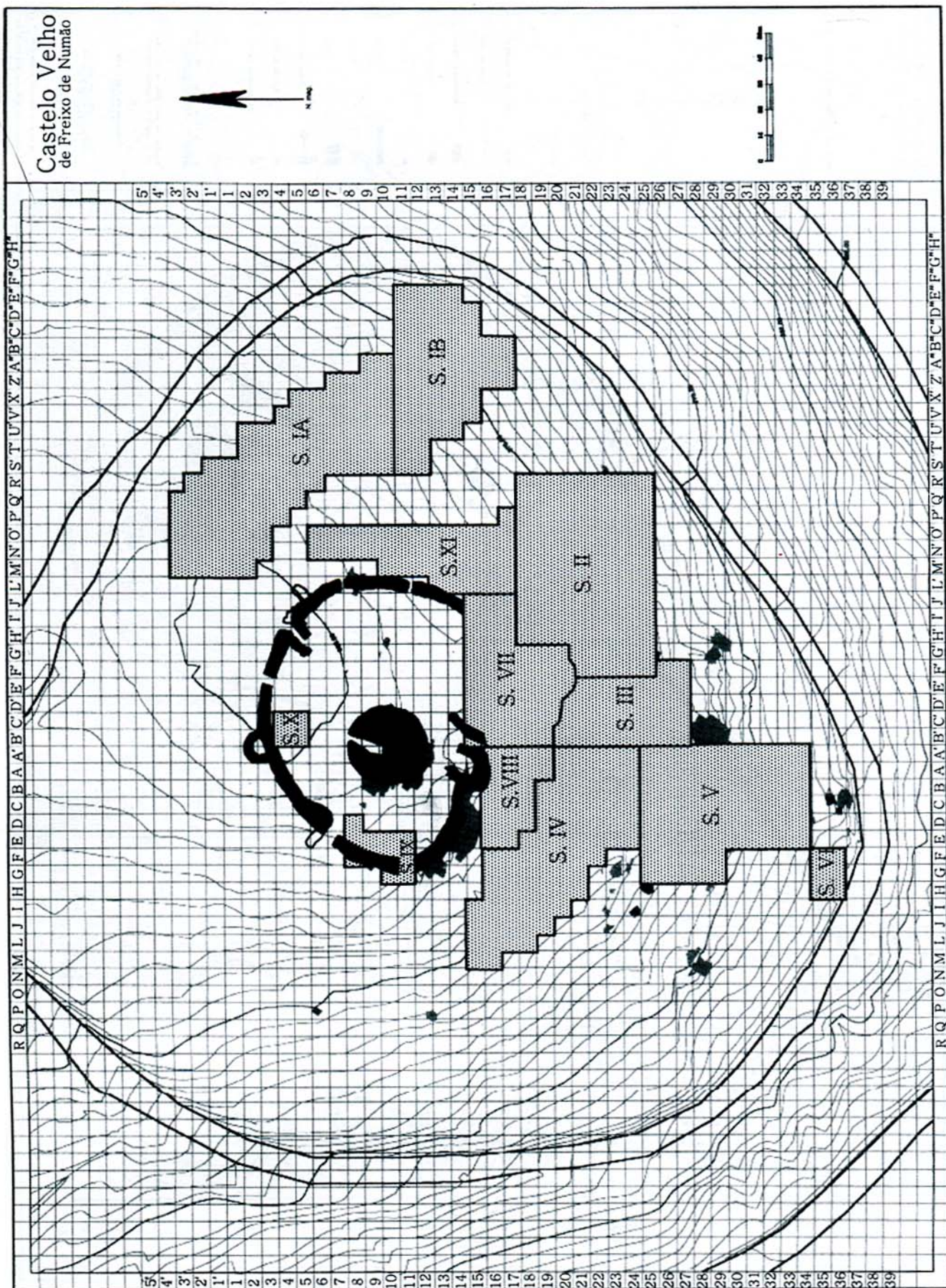


Fig. 4 – Planta do topo do monumento de Castelo Velho, estando representados os sectores de escavação (IA a XI) abertos em 2001

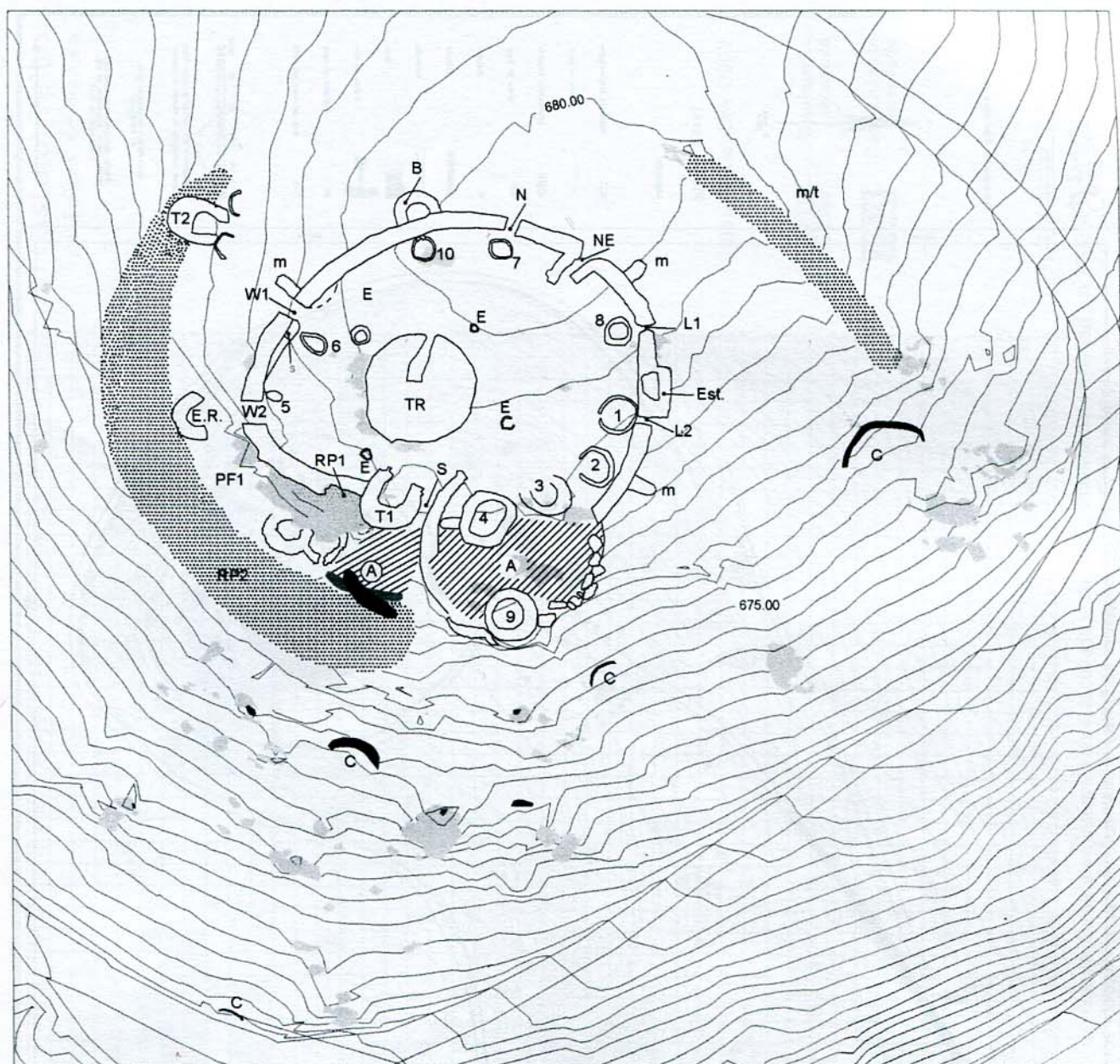


Fig. 5 – Planta esquemática do monumento de Castelo Velho ao nível da segunda fase construtiva (Setembro 2001): m/t – murete; TR – torre central; E – estruturas; 1 a 10 – outras estruturas, W1 – entrada oeste-noroeste; W2 – entrada oeste; N – entrada norte; NE – entrada nordeste; L1 – entrada leste 1; L2 – entrada leste 2; S – entrada sul; A – avançado; T1 – torreão 1; B – bastião norte; EST – estruturas; m – murete de contenção; PF1 – plataforma intermédia; A – átio; ER – estrutura ritual; T2 – torreão 2; RP1 – 1.ª rampa/talude; RP2 – 2.ª rampa/talude; C – fundos de cabanas (Desenho final de V. Fonseca)



Fig. 6 – Planta do topo do monumento de Castelo Velho a áreas envolventes, elaborada com base em levantamentos topográficos de A Guerreiro e trabalhos arqueológicos de S.O Jorge. Encontra-se representada a área escavada em 2002



Julho/Setembro 2002

Totalmente
escavado

Parcialmente
escavado

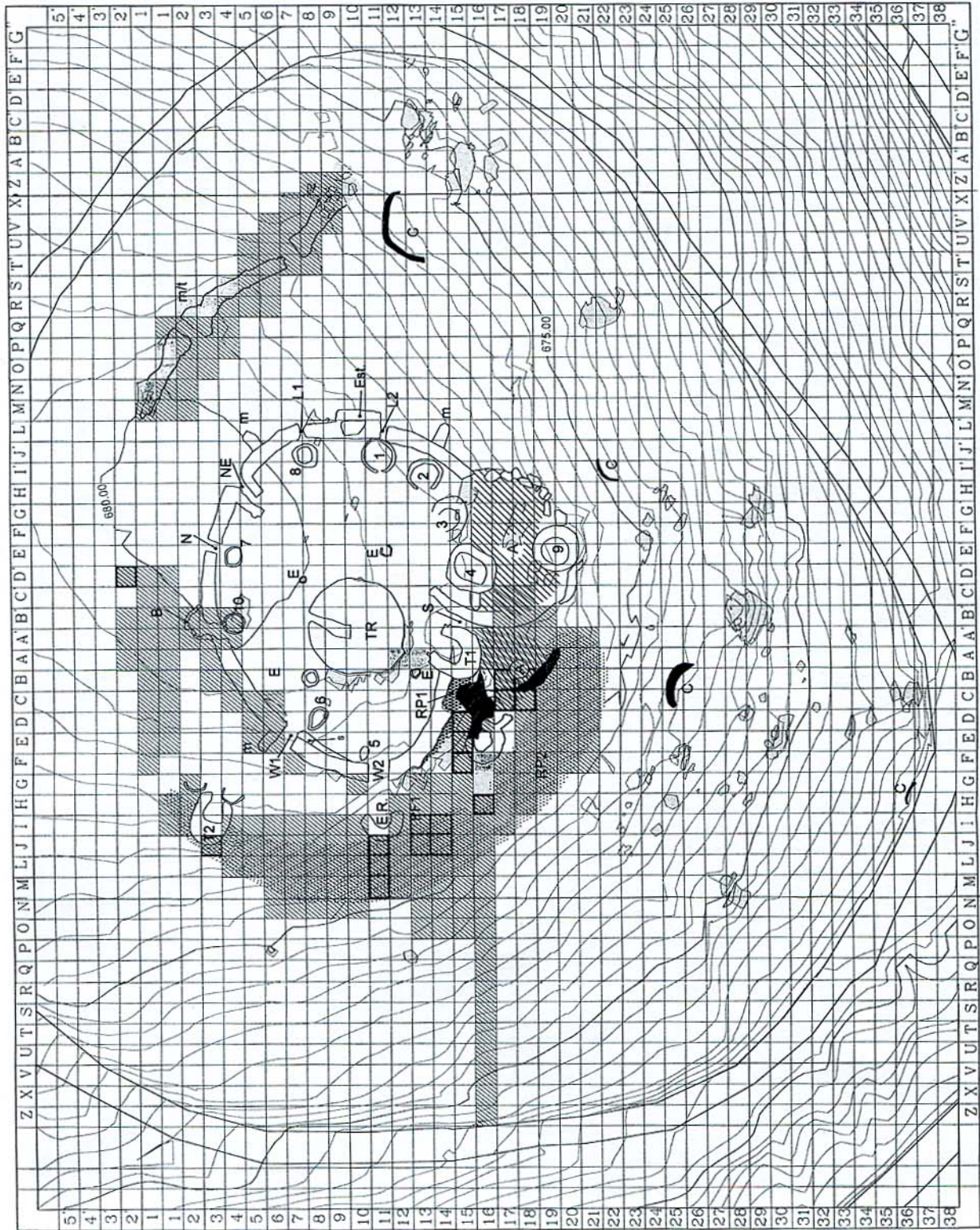


Fig. 7 – Planta do topo do monumento de Castelo Velho com representação da área integralmente escavada e da área parcialmente escavada em 2002 (Planta elaborada com base em levantamentos topográficos de A. Guerreiro e trabalhos arqueológicos de S. O. Jorge)

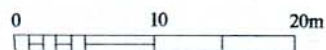
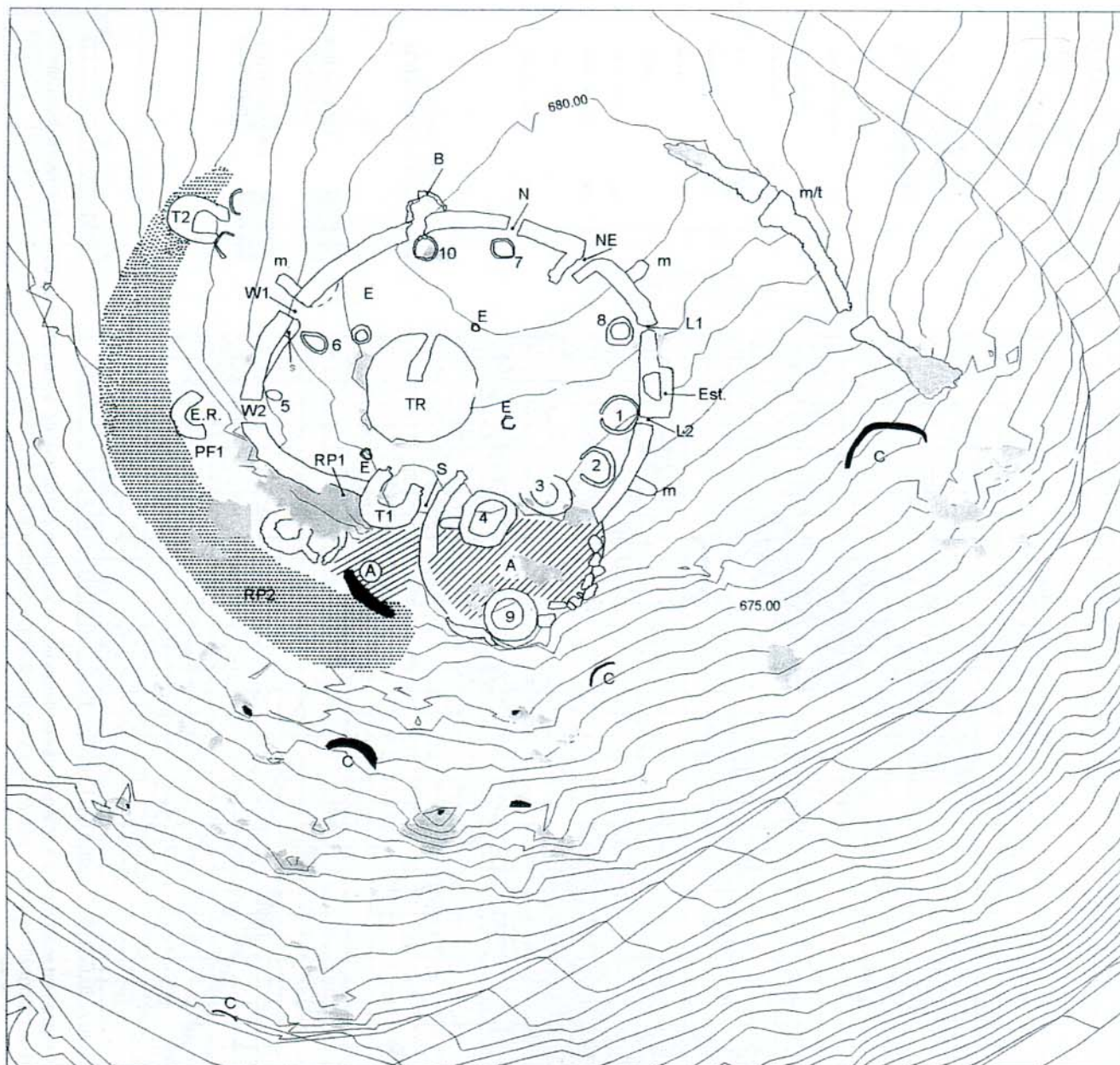


Fig. 8 – Planta esquemática do monumento de Castelo Velho ao nível da segunda fase construtiva (Julho de 2002): m/t – murete; TR – torre centra; E – estruturas; 1 a 10 – outras estruturas; W1 – entrada oeste-noroeste; W2 – entrada oeste; N – entrada norte; NE – entrada nordeste; L1 – entrada leste 1; L2 – entrada Leste 2; S – entrada sul; A – avançado; T1 – torreão 1; B – antigo bastião norte; EST – estruturas; m – murete de contenção; PF1 – plataforma intermédia; A – átrio; ER – estrutura ritual; T2 – torreão 2; RP1 – 1.ª rampa/talude; RP2 – 2.ª rampa/talude; C – fundos de cabana (Desenho final de V. Fonseca)

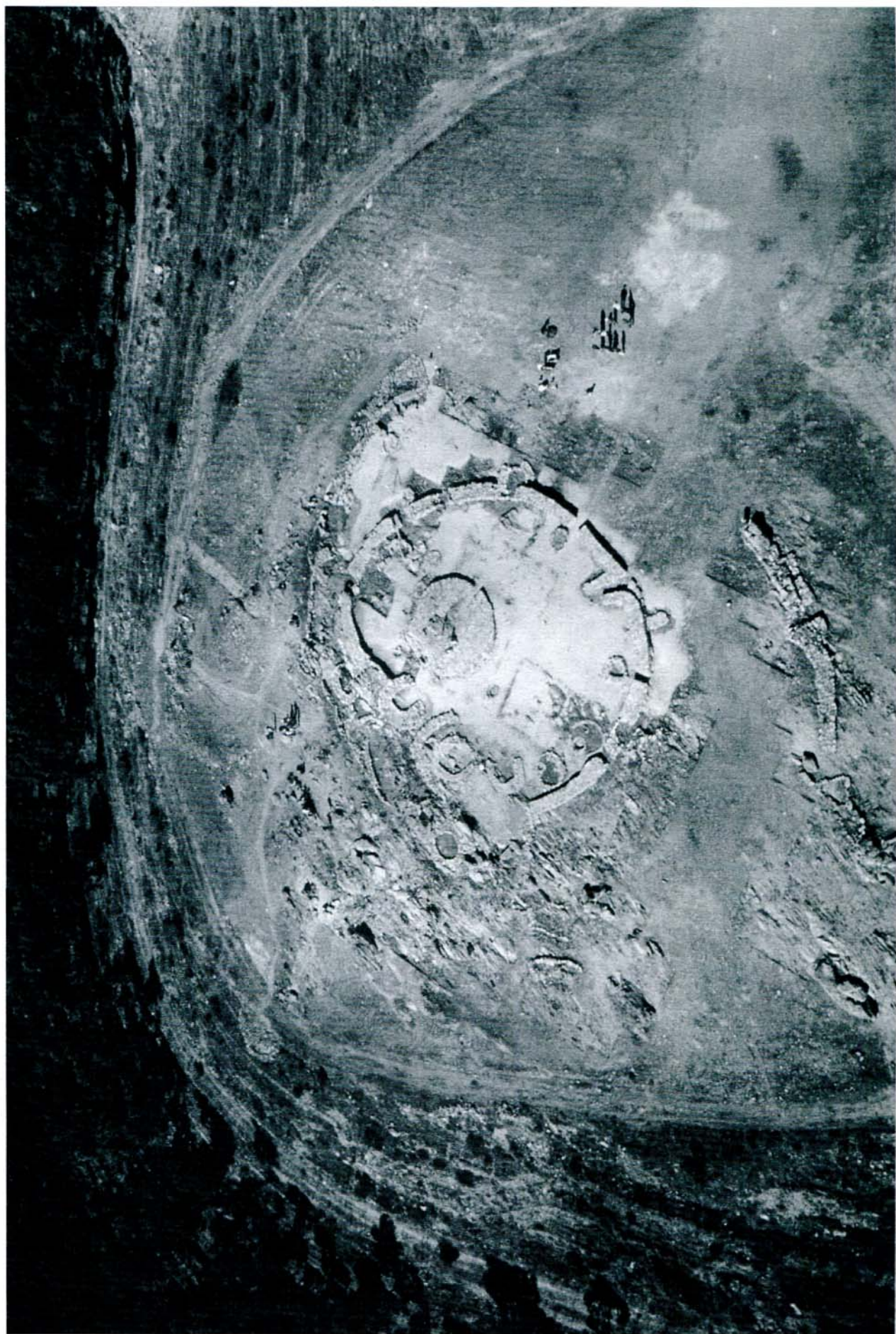


Fig. 9 – Vista aérea (Setembro de 2002) do topo do sítio dre Castelo Velho de Freixo de Numão (foto de V. O. Jorge)



Fig. 10 – Vista aérea (Setembro de 2002) do recinto superior de Castelo Velho, vendo-se a sul, o “avançado” e o “átrio” e, a oeste, a estrutura dos ossos e o bastião 2. Delimita a plataforma intermédia, um murete, que fazia parte da estrutura de rampa que, entretanto, foi levantada (foto de V. O. Jorge)